

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ENTRE O VIVIDO E O RELACIONAL: INTERPRETAÇÕES GEOGRÁFICAS DO LUGAR

JOÃO SANTOS NAHUM & DENISON DA SILVA FERREIRA

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.2: 513-529, maio, 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/47365/34034>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ENTRE O VIVIDO E O RELACIONAL: INTERPRETAÇÕES GEOGRÁFICAS DO LUGAR¹

JOÃO SANTOS NAHUM²

DENISON DA SILVA FERREIRA³

RESUMO

Enfocamos duas interpretações sobre a categoria do lugar: o lugar, enquanto espaço vivido e a perspectiva relacional de lugar. Esses paradigmas, mesmo que possuam fundamentações filosóficas diferentes, reafirmam a importância analítica do lugar. Objetivamos ressaltar a necessidade de voltarmos ao lugar enquanto escala privilegiada da experiência humana nas suas múltiplas determinações. Viver é relacionar-se consigo mesmo com nossos semelhantes e com as coisas, por isso a complementariedade entre a perspectiva humanista e a relacional de lugar. Na primeira parte discorreremos sobre lugar enquanto espaço vivido, na segunda a perspectiva relacional de lugar; em seguida as considerações finais.

Palavras-chave: Espaço; Lugar; Global; Experiência; Relacional.

INTRODUÇÃO

A geografia tem como objeto de estudo o espaço, entendido como “uma instância da sociedade” (SANTOS, 1992, p.1), palco, produto e condicionante de relações sociais. O pensamento geográfico utiliza-se de categorias, conceitos, teorias e métodos nas explicações dos processos espaciais que estão em constante devir (Spósito, 2004). Pensar o espaço implica refletir sobre situações geográficas comumente analisadas à luz da categoria lugar, cuja definição tornou-se polêmica não apenas no campo da ciência geográfica como entre as ciências humanas.

Paradigmas geográficos são edificados na tentativa de compreender aspectos singulares do movimento da totalidade e seus processos de totalização nos lugares. O pensamento geográfico pode ser lido à luz do que Kuhn (2003) nomeia de revoluções científicas, onde as rupturas paradigmáticas gestam-se lentamente na medida em que novos sistemas de pensamento amadurecem não como substituição do pensar pretérito, mas como negação, superação e conservação.

Partimos do pressuposto que o sentido de lugar se metamorfoseia *par e passu* com as transformações do mundo (Santos, 2008). Tendo isso em vista enfocamos o lugar, enquanto espaço vivido e a perspectiva relacional de lugar. Esses

- 1 Artigo resultante do projeto de pesquisa “Dendeicultura, comunidades tradicionais e segurança alimentar na Amazônia paraense” e conta com auxílio financeiro do CNPQ, Edital 43/2013.
- 2 Doutor em Geografia pela UNESP-RC, Docente da FGC e do PPGEU da UFPA. E-mail: prof.joaonahum@gmail.com.
- 3 Mestrando do programa de pós-graduação em Geografia da UFPA. E-mail: denisonferreira2010@hotmail.com.

paradigmas, mesmo que possuam fundamentações filosóficas diferentes, reafirmam a importância analítica do lugar.

O período atual, lembra Santos (2006), é marcado pela esquizofrenia do espaço, onde vivemos cada vez mais condicionados por densidades técnicas, normativas e políticas cujos comandos e finalidades são exógenos. Cria-se uma espécie de desencaixe (Giddens, 1991) ou mesmo desenraizamento (Harvey, 1993) causando-nos a sensação de estranhamento.

Na primeira parte analisamos o conceito de lugar à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da geografia humanística. Na segunda, a análise consiste em elucidar alguns elementos pertinentes à perspectiva relacional de lugar. Na terceira parte expomos as considerações finais sintetizando alguns aspectos abordados na análise, cujo objetivo é ressaltar a importância de voltarmos ao lugar enquanto escala privilegiada das experiências humanas. Viver é relacionar-se consigo mesmo, com nossos semelhantes e com as coisas, por isso a complementariedade entre a perspectiva humanista e a relacional de lugar.

O LUGAR, ESPAÇO VIVIDO

O paradigma da geografia humanística caracteriza-se pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Apoia-se na filosofia dos significados, fundada na fenomenologia, no existencialismo, no idealismo e na hermenêutica, procurando compreender, por intermédio da experiência dos indivíduos e grupos sociais, o mundo vivido. Este é tratado por Buttimer (1982) como peça-chave na relação entre a geografia e a fenomenologia, pois o lugar é o mundo vivido; cada pessoa tem seu lugar natural, o ponto zero do seu sistema pessoal de referência. “Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a Nação” (BUTTIMER, 1982, p. 178).

A geografia humanística “resgata o homem e o trata com todos os seus atributos situando-o no centro de todas as coisas como produto e produtor de seu próprio mundo e assim estuda o(s) mundo(s) habitado(s), logo experienciado(s) por homens” (MELO, 1990, p. 96). Partindo do mundo vivido, o geógrafo pode entender a magia dos lugares, as particularidades intrínsecas de cada porção territorial.

Para Holzer (1999), o enfoque humanístico contrapõe-se a separação entre sujeito e objeto proposta pelo positivismo. No entendimento de Rocha (2003, p. 71) “a fenomenologia procura perceber o que é humano em sua essência, e que tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência”. Desse modo, “a fenomenologia, não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto, o criador da criatura” (OLIVEIRA, 1996, p.48).

Na interpretação de Melo (1990) a perspectiva humanista constrói-se no início dos anos 1970, quando geógrafos desencantados com a geografia sem homens começam a buscar na filosofia do significado respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o neopositivismo predominantes naquele contexto.

Diferente de outras abordagens científicas que visam minimizar o papel da conscientização humana e do conhecimento, a geografia humanista privilegia compreender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Destacando o singular, sublinha os sentimentos, valores e propósitos da ação humana, ressalta a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Conforme Tuan (1983 p. 143) “a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”.

Na expressão de Holzer (1999) a preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, “é o de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos”. Em outras palavras, “um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos espaço” (HOLZER, 1999, p. 70).

Nas pesquisas de Tuan (1983), um dos pioneiros nesse debate, o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por conseguinte podem ser apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*). O lugar tem mais substância do que nos sugere a palavra localização. No pensamento de Holzer (1999)

(...) ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (HOLZER 1999, p. 70)

O lugar é um centro de significados construído pela experiência, de referenciais afetivos que desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com pessoas, que tanto nos transmite boas quanto más lembranças relativas ao lar (Tuan, 1980); é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas (Leite, 1998).

Holzer (1999) aponta que o lugar contém uma dimensão do cotidiano experienciado, humanizando o conteúdo do espaço. Enquanto o espaço refere-se à tentativa de apreender a totalidade nas suas múltiplas determinações, o lugar, por sua vez, evoca a parte, o sentido e significado da experiência individual ou social cotidiana. Sobre esta diferenciação Melo (1990) afirma que espaço e lugar são distintos, cada qual com individualidades e singularidades. “Espaço é mais abstrato do que lugar[...] o espaço é aberto, livre, amplo, vulnerável sendo desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Já o lugar é fechado, íntimo, humanizado” (MELO, 1990, p. 105), evocado a partir da importância concedida à percepção e à experiência pessoal ou coletiva. Em relação a este aspecto Melo (1990) sublinha:

O lugar é o ninho aconchegante. Pode ser assim, conceituado a partir da permanência. Certos lugares só se tornam lugares após uma demorada experiência (...) espaços só se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas etc. (MELO, 1990, p. 105).

Sendo relacional em sua significação e fundando-se na experiência e subjetividade suscitadas aos indivíduos ou grupos pela dimensão objetiva do mundo, o lugar torna-se real por nossa familiaridade com o espaço, não necessitando ser definido através de uma imagem geométrica limitada; o lugar não é fruto de um realismo ingênuo que o distingue e representa geometricamente do espaço, região, território e totalidade; tampouco tais categorias são quantidades representadas da realidade. Como alerta Bachelard (1996, p. 7), “sente-se pouco a pouco a necessidade de trabalhar *sob* o espaço, no nível das relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto os fenômenos”.

Lugar distingue-se, portanto, de espaço; este “transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6) adquirindo definição e significado. Todavia, não é qualquer espaço que pode ser considerado um lugar, pois o lugar emerge através dos sentimentos e afeições que lhe são associados. Este é o centro de significância afetiva ou foco de ação emocional de uma pessoa ou grupo de pessoas. É através das experiências cotidianas, que os lugares são ordenados e lhe são atribuídos significados.

Os lugares humanos podem variar em tamanho: tanto ‘uma poltrona perto da lareira’, quanto um estado nação podem ser lugares (TUAN, 1980, p. 142). Holzer (1999) salienta “que o aumento da escala tende a dificultar o relacionamento espacial direto, remetendo-nos para uma apreensão cada vez mais fragmentária dos lugares” (HOLZER, 1999, p. 74). O lugar permeado por dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais só adquire uma identidade e significado através das intenções humanas atribuídas a ele. Para Buttimer (1982), a identidade cultural está intrinsecamente relacionada à identidade com o lugar. As dimensões culturais, emocionais, políticas e biológicas permitem ao indivíduo possuir redes de interações baseadas no lugar. Mesmo diante das transformações, para o indivíduo e para a comunidade, a sensação de que as características antigas permanecem, reforçam a identidade com o lugar.

Para Relph (1979) a relação entre o indivíduo e a comunidade com o seu lugar possibilita e reforça a identidade destes. Em Ferreira (2000), o lugar constitui um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se ao conceito de lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a nação, enfim qualquer ponto de referência e identidade. O processo de desenvolvimento de identidade de um lugar resulta da combinação de observação, do contato direto com o lugar e das expectativas estabelecidas antes deste contato. Por ser um centro de valor e sentimento “o lugar encarna a experiência e aspirações individuais sendo de fundamental importância para apreensão da identidade” (MELLO, 1990, p.102).

A identidade de um lugar expressa a adaptação, a assimilação, a acomodação e a socialização do conhecimento. Entretanto, Relph (1979) observa que a associação lar/lugar pode dar-se em vários níveis, variando da ligação mais completa à total desvinculação entre sujeito e lugar.

Tuan (1980), ao estudar as atitudes, percepções e valores dos homens em relação ao ambiente, propôs os conceitos de topofilia e topofobia para analisar as relações afetivas e emocionais que mantém ou afastam as pessoas nos/dos lugares. Tais conceitos, segundo Ferreira (2000, p. 68), destacam que “uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado”.

De acordo com Melo (1990, p, 97) “o homem a cada dia se aventura, transporta obstáculos, armazena novos conhecimentos, ou seleciona novos aspectos, aprendendo e apreendendo o seu mundo vivido”. Tal consciência criativa, que traduz e conhece o mundo vivido a partir das relações banais do cotidiano, é o espírito ou a alma dos lugares. Nessa direção, Tuan (1983) acrescenta que os lugares, tal qual os objetos, são núcleos de valor e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas. O lugar não se refere, por conseguinte, aos objetos e atributos das localizações, mas aos tipos de experiência e envolvimento com o mundo. Desse modo, segundo Holzer (1999)

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (HOLZER, 1999, p. 70).

Dessa forma, para Ferreira (2000, p. 67), “o lugar deve ser analisado a partir das experiências diretas do mundo e da consciência que temos do ambiente em que vivemos”. Ainda de acordo com este autor, o espaço geográfico não deve ser entendido como uma lacuna aguardando para ser completada, longe disso trata-se do lugar onde alguém está e, talvez, os lugares e paisagens de que ele se lembra, ou seja, “uma profunda e imediata experiência do mundo que é ocupado com significados e, como tal, é a própria base da existência humana”.

Portanto, o sentido e significado do lugar pode ser encontrado no diálogo entre consciência/experiência dos sujeitos em relação com espaço vivido, uma vez que de acordo com a perspectiva fenomenológica, “a consciência só pode entendida quando dirigida para um objeto e este só pode ser definido em sua relação com a consciência” (MELO, 1990, 98). O sentido de lugar integra uma consciência intimamente relacionada à experiência (vivida), onde “o mundo vivido é a consciência e o meio ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambiguidades, envoltórios, valores e significados” (MELO, 1990, p. 100).

O desafio é edificar o lugar enquanto categoria analítica e operacional da realidade sem perder a dimensão dos fatos da experiência. “O lugar é mais do que a vida diária vivida. Ele é o momento quando o concebido, o percebido e o vivido atingem certa coerência estruturada” (FERREIRA, 2007, p. 78). O lugar contém multiplicidades de relações ao mesmo tempo em que pode ser compreendido enquanto realidade sensível, correspondendo ao uso e à prática vivida no cotidiano, permite a co-presença, a convivência, a contiguidade, a vizinhança, a interação, o estar juntos. Em síntese, conforme Carlos (2007), o lugar é palco e produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade.

Melo (1990) argumenta que o enfoque humanístico se afasta da visão de mundo mecanicista, econômico e racionalista, em que tudo está previsto e o papel do homem é nulo, tal como presente nas perspectivas do marxismo-leninismo. Adverte que o humanismo se volta igualmente contra os preceitos marxista que reduzem o agente humano a um *status* passivo da estrutura econômica, discorrendo da redução do mundo a um objeto movido por “processos históricos” que não são pessoas, mas sim abstrações. Quanto a isso este mesmo autor acrescenta:

O mundo não é único (...). Pensar somente em um mundo único, descarta qualquer fantasia ou os pontos remotos, desconhecidos e das fugas elaboradas pela mente humana, sempre fértil em erigir mundos fantásticos ou mesmos abomináveis. (MELO, 1990, p. 97).

Nessa direção Carlos (2007, p. 21) indica que “é preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso”. É no âmbito do local que a história é vivida e é onde tem sentido. Nessa visão, “o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (HOLZER, 1999, p. 70). É no lugar que o homem se reconhece porque nele vive. A produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida.

Expusemos em largos traços o lugar enquanto a dimensão do espaço que ganha significação e sentido a partir do vivido. Trata-se duma perspectiva espacial profundamente subjetiva, existencial, mas que não existe nem se explica por si. Seu conteúdo subjetivista é manifestação do contato do ser com o mundo; acompanhando Sartre (1989), podemos dizer que a existência (mundo/espaço) precede o ser no mundo (lugar), isto é, assim como ser e existir, lugar e espaço são inseparáveis ainda que sejam dimensões distintas da existência humana. Aqui, o ponto de partida é o ser no mundo, trata-se de uma perspectiva é passível de críticas, sobretudo por aqueles que partem do existir, isto é, do mundo em suas condições materiais de existência e advogam a interpretação relacional do lugar tendo como ponto de partida o mundo e seu rebatimento ser, no lugar.

A PERSPECTIVA RELACIONAL DO LUGAR

Na perspectiva relacional o lugar é interpretado como construção social que se estende do global ao local. O lugar revela-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global. Para Santos (2005, p.161) “mais importante que a consciência do lugar, é a consciência do mundo, obtida através do lugar”. Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é a manifestação de processos historicamente produzidos pela dinâmica do mundo.

Segundo Ferreira (2000)

A visão popularizada por Relph e adotada pela Geografia Humanista de um mundo globalizado - onde o lugar, com toda sua carga de significados simbólicos e afetivos, parece se dissolver e se transformar em deslugares sem alma, homogeneizados pelo sistema econômico que busca a padronização - seria alvo de severas críticas oriundas, principalmente, da chamada Geografia Radical. (FERREIRA, 2000, p. 70).

As ideias de enraizamento, autonomia e relação autêntica com o ambiente, não encontram sustentação no mundo capitalista altamente globalizado em que vivemos, uma vez que elas mesmas seriam produtos do mundo industrializado moderno. Reitera Ferreira (2000), estas ideias emergem exatamente no momento em que a industrialização moderna nos separa do processo de produção encontrando o ambiente como um bem terminado.

O debate sobre o lugar não se fundamenta na experiência e sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço vivido, mas se constitui no par dialético entre o local e o global. O lugar se apresenta para Carlos (2007) como o ponto de articulação entre a mundialidade, em constituição, e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento. A preocupação é com a mudança, o movimento, a interconexão e interação que há entre o global e o local. A relativa rigidez desta abordagem do lugar será relativizada a partir de necessidade de se compreender as singularidades dos lugares dentro do contexto global. Os lugares devem ser diferenciados não somente por seu ambiente físico, mas pelas respostas humanas às oportunidades e limitações apresentadas pelo ambiente.

A origem desta percepção relaciona-se ao processo de expansão do modo capitalista de produção que através de ampliação do meio técnico-científico-informacional diminui o tempo dos fluxos de mercadorias, serviços, bens e pessoas e consegue incorporar progressivamente pontos da superfície do planeta ao processo de reprodução ampliada do capital. O lugar se redefine pelo estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares. A primeira consequência é a necessidade de se relativizar a ideia de situação. Se, por um lado, o lugar se define, inicialmente, como a identidade histórica que liga o homem ao local onde se processa a vida, temos em mente que “cada vez mais a ‘situação’ se vê influenciada, determinada, ou mesmo ameaçada, pelas relações do lugar com um espaço mais amplo” (CARLOS, 2007, 21).

O lugar, para Ferreira (2000), adquire crescente importância no mundo contemporâneo, concebido como construção social, compreendido tanto como uma localização quanto como uma configuração de permanências relativas, heterogênea, dialética contida na dinâmica geral de espaço-tempo de processos sócio-ecológicos. Massey (2008) adverte para a necessidade de se considerar a dinâmica geral de espaço-tempo na abordagem do lugar, defendendo “um sentido global de lugar”. Sustenta que o sentido de lugar não se constrói a partir de uma história introvertida, de uma identidade coesa, coerente, nem tão pouco tem um sentido de comunidade; “o lugar não é algo fechado, coerente, integrado, como autêntico, como “lar”, um refúgio seguro de espaço como de algum modo originalmente regionalizado” (MASSEY, 2008, p. 25). O foco analítico não reside nos lugares com limites demarcados e identidades únicas, construídas através de relações profundas e históricas.

Em Massey (2000), o que imprime especificidade ao lugar não é algum tipo de história longamente internalizada, mas o fato dele ser construído em meio a uma constelação de relações sociais que se encontram e se enlaçam num *locus* particular. O sentido de lugar deve levar em conta a dinâmica geral de tempo e espaço considerando as conexões entre diferentes lugares, incluindo as conexões entre os lugares espacialmente descontínuos. Massey (2000) tem em mente um sentido de lugar progressivo, não autocontido, que “olhe para fora” e seja adequado ao momento atual envolvendo a dialética espaço-tempo dentro da dinâmica local-global.

Para Massey (2000), tal como as pessoas não possuem uma identidade única, o lugar não tem um sentido único compartilhado por todos. Nos lugares as identidades não são coesas nem estáticas, movimentam-se e chocam-se, num processo de convergência e divergência de pessoas em suas relações com os lugares. Melhor explicar a identidade dos lugares colocando-a no plural, pois os lugares possuem diversas identidades e estão repletos de relações com o mundo. Lugares seriam pontos de encontro de redes de relações sociais, movimentos e comunicações são construídas em escala muito maior do que aquelas definidas para o lugar naquele momento. Estas relações com o a totalidade não são apenas ritualísticas, mas de conteúdos econômicos, políticos e culturais reais. A identidade baseada no lugar manifesta as inter-relações das forças extra-locais da economia política com as camadas históricas das relações sociais.

Massey (2000, p. 184) sublinha que “as relações econômicas, políticas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estruturas internas de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos os diferentes níveis, da família à área local e até a internacional”. Espaço e tempo são colocados em pauta, pois não podemos mais falar de uma mesma realidade espaço-temporal quando comparamos as “sociedades tradicionais” com as sociedades ditas modernas – ou pós-modernas.

A globalização das relações políticas, econômicas e socioculturais, no nível empírico, configurada a partir do processo de fortalecimento das redes de conexões e informações globais, impulsiona mudanças em relação ao conteúdo dos lugares, sobretudo considerando o contexto de configurações específicas de espaço-tempo fortemente articuladas no lugar. Isso cria um processo que Giddens (1991, p. 29)

nomeia de “desencaixe”, ou seja, “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”. Por serem indissociáveis espaço-tempo sofrem mutação, aparentemente representada no momento atual, por esta espécie de “desencaixe”.

A ideia de “desencaixe” é reforçada pelo que Giddens (1991) classifica de modernidade radicalizada, marcada pela base tecnológica, fundada pela informatização, que teria “desencaixado” espaço e tempo de tal forma que não podemos mais delimitar grupos sociais e culturais a partir de uma base territorial bem definida. Nesse sentido, “mudanças de aspectos íntimos da vida pessoal estariam diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude” (GIDDENS, 2002, p. 36). Traduzindo esta ideia a partir de um ponto de vista da dimensão geográfica, seria mais ou menos dizer que o sentido do lugar não se constitui simplesmente pelas fronteiras que o define, uma vez que cada vez mais o espaço se constitui numa articulação entre o local e o mundial. Nas palavras de Carlos (2007)

o processo de reprodução das relações sociais dá-se fora das fronteiras do lugar específico até há pouco vigentes. Novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, novos comportamentos se constroem sob novos valores a partir da constituição do cotidiano. (CARLOS, 2007, p. 13).

O sentido do lugar deve ser apreendido a partir de uma perspectiva relacional. O lugar como o espaço relacional da política, da economia, da sociedade e da cultura, entrelaçando-se na multiplicidade particular de relações socioespaciais. O lugar é um espaço relacional porque:

O espaço é um produto de inter-relações. Ele é constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno (...). É a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem (...). Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: Multiplicidade e espaço são co-constitutivos (...), ele (o espaço) está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito - nunca está finalizado, nunca se encontra fechado (MASSEY, 2004, p. 08).

O lugar é um híbrido, quadro de transformação constante, de convergência e divergência incessantes de múltiplas identidades. É um sentido de lugar construído por meio da ligação com outros lugares. De modo que tão importante quanto definir as fronteiras dos lugares, é captar as conexões econômicas, culturais e sociais de vizinhança. Compreender a totalidade das relações no extenso contínuo, não importando o tamanho do lugar e sim, suas relações de com outros lugares, ou seja, sua relacionalidade.

Os lugares, conforme Massey (2008, p.191), não são como pontos ou áreas em mapas, mas “como integrações de espaço e tempo, como *eventualidades es-*

paço-temporais, como um tecer de histórias em processo”. Pode-se compará-los a momentos articulados em rede de relações e entendimentos sociais, mas onde um grande número dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como um lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma passiva o global e o local.

Nota-se, portanto, diferenciações entre o enfoque fenomenológico e o enfoque relacional de lugar assumido por Massey. Por exemplo, enquanto Melo (1990, p. 105) sublinha que “o sentido de lugar envolve enraizamento, amizade e simbolismo”. Massey (2008), por sua vez, referindo-se ao pensamento de Tuan quando propõe o espaço como mais abstrato que lugar, observa que não se pode postular o espaço como contrário de lugar como vivido ou simplesmente equiparar o cotidiano com o local. Se realmente pensarmos o lugar como relacional, então ele é a propriedade emergente de nossas conexões com o mundo. Lembra ainda que “a realidade vivida de nossas vidas cotidianas é completamente dispersa, não localizada, em suas fontes e em suas repercussões” (MASSEY, 2008, p. 260).

Os lugares não são entidades fixas, permanentes e limitadas, mas “temporárias, dinâmicas e (re) produzidas através de processos sociais que não são contidos por seus limites crescentemente porosos” (FERREIRA, 2000, p. 74). Assinala Carlos (2007), o lugar é sempre um espaço presente dado como um todo atual com suas ligações e conexões cambiantes. Mas isto só pode ser entendido se se transcende a concepção de lugar enquanto fato isolado – o que faz com que a vida de relações ganhe impulso na articulação entre o próximo e o distante. Na verdade, a própria dificuldade em se traçar os limites do lugar embaraça a concepção dualista de lugar como tensão entre o local e o global.

Santos (2005, 2008, 2008a, 2008b) elucida que o lugar não é o fragmento, é a própria totalidade manifesta em movimento que através do evento se afirma e se nega modelando um subespaço do espaço global. Santos (2008a) indica que no contexto atual, a sociedade depara-se com um conjunto de acontecimentos que ultrapassam as fronteiras do local, pois são eventos globais, mas sua repercussão se materializa no lugar; aliás, o lugar é o depositário final dos eventos.

Para Santos, (2005, p. 163), “o mundo oferece as possibilidades e o lugar as ocasiões”. O lugar não é passivo, mas “globalmente ativo”, isso porque, ele tem autonomia e força. Santos (2008) chama a atenção para “a força do lugar”, para demonstrar a importância do lugar na produção da história, apontá-lo é a grande tarefa dos geógrafos neste mundo contemporâneo.

A globalização dos lugares os torna cada vez mais específicos e singulares através da especialização dos elementos do espaço, da dissolução dos processos de acumulação de capital, do aumento das ações que distinguem e interligam os lugares. Nesse sentido, com a aceleração dos processos regidos e apropriados pelos atores hegemônicos propiciados pela técnica, pela ciência e pela informação, a fragmentação do espaço torna-se mais veloz. Massey (2003, p. 185), afirma que “a globalização (na

economia, na cultura ou em qualquer outra coisa) não acarreta simplesmente a homogeneização, longe disso a globalização das relações sociais é outra fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual, e assim da singularidade do lugar". O processo de singularização do lugar se dá como uma espécie de combinação, num determinado local e momento, das possibilidades oferecidas pela generalização.

A ideia de lugar único é repensada, pois, segundo Carlos (2007) todos os lugares se articulam aos demais e a sociedade se mundializa e se faz presente em cada lugar. Com isso, se a localização concreta do lugar lhe dá materialidade, sua existência pontual não exclui o mundial. Assim, mesmo reconhecendo as peculiaridades inerentes a cada lugar, estes encontram-se profundamente interligados. Ao mesmo tempo em que a singularidade garante configurações únicas, os lugares estão em interação, graças à atuação das forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal. Isso significa que a mundialização do capital, favorecido por uma política perversa que se apoia no progresso das técnicas, da ciência e da informação (Santos, 2008b), estende-se a partir das verticalidades e horizontalidades, a todas as escalas geográficas (local, regional, internacional) a partir da unicidade da técnica, da convergência dos momentos, da cognoscibilidade do planeta e da existência de um motor único da história, representado pela mais-valia universal (Santos, 2008b). Nesse sentido, Santos acrescenta:

Maravilha das técnicas do nosso tempo, todos os lugares se unem porque os momentos afinal convergiram. A história do homem é durante milênios a história dos momentos divergentes, a soma de acontecimentos disperso, disparatados, desconexos. Já a história do homem de nossa geração é aquela onde os momentos convergiram, o acontecer de qualquer lugar podendo ser imediatamente comunicado a qualquer outro. (SANTOS, 2008b, p. 40).

Para Santos, (2005), o mundo transforma-se ao mesmo tempo em que os lugares, porque é dos lugares que partem as transformações. O lugar pode ser caracterizado por sua funcionalidade em relação ao mundo, mas, se é dos lugares que partem as mudanças, os lugares podem ser, também, o espaço do acontecer solidário, o lugar compulsório das atividades humanas.

Ainda de acordo com Santos, (2008, p. 189) "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente". Os lugares são, contudo, alvos de uma lógica global, funcionalidades do todo e, ao mesmo tempo, contêm uma lógica local, uma reação à globalização. O lugar surge tanto como uma expressão do processo de homogeneização do espaço, imposta pela dinâmica econômica global, quanto uma expressão da singularidade. Nas palavras de Santos:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2008, p. 218).

O lugar emerge como produto de uma ambiguidade que se estende a todas as relações sociais que envolvem o homem e o meio – é o singular (o fragmento) e é também o global (universal) que o determinam. Par Carlos (2007, p.14) “no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial”, pois ele contém uma multiplicidade de relações. Ainda segundo Carlos (2007) a realidade do mundo reproduz-se em diferentes níveis, sendo que no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem que isso elimine as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço e ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos.

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. “O lugar se apresenta, assim, como *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (CARLOS, 2007, p. 14).

Ferreira (2000, p. 73) aponta que “mesmo possuindo uma força de inércia, uma ‘autonomia de existência’, presente naquilo que o forma, o lugar incorpora novas funções a estas antigas formas através da ‘autonomia de significação’”, ou seja, ainda que permaneçam as mesmas configurações espaciais, os lugares têm suas significações permanentemente mudadas. Nessa perspectiva, é inútil esboçar fronteiras, mais prudente é entender seu movimento diante do mundo. Os lugares, cada vez mais, “*acontecem*” na sua relação com o mundo. Entretanto, o mundo como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio e apenas o faz para os outros. “É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo tornando historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 2008, p. 112).

Santos (2008c) reitera que “os lugares são, pois, o mundo que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestação da totalidade-mundo, da qual são formas particulares” (SANTOS, 2008c, p. 112). O lugar contém sempre o global, sendo específico e mundial, ao mesmo tempo em que se articula a uma rede de lugares. O lugar pode se apoiar numa rede de difusão – de fluxos de informação, bens e serviços –, processo que tem como pano de fundo a mundialização da sociedade, da economia, da cultura e do espaço, que se constitui cada vez mais num espaço mundial articulado e conectado, o que implica um novo olhar sobre o local (Carlos, 2007).

A tendência à anulação do tempo/distância entre lugares no espaço do globo cria condições técnicas para articular lugares através das redes de alta densidade de trocas de informações. De fato, esta é uma realidade do mundo moderno, onde uma intensa rede de fluxos (de mercadorias, informações, etc.) marca a conexão entre lugares. Em Correa (1997), tais redes se caracterizam por apresentar uma estrutura extremamente complexa, organizada de acordo com a especialidade de funções e segundo uma hierarquia de atividades. Para o autor, “as cidades globais (sedes das grandes corporações) na qualidade de epicentros de numerosas dessas redes, têm promovido a organização do espaço de modo a torná-lo cada vez mais fragmentado e globalizado” (CORREIA, 1997, p. 108), o que pressupõe o acirramento das diferenças entre dominadores e dominados.

Carlos (2007) argumenta que o diferenciador dos lugares, do ponto de vista da sua competitividade no espaço regional e nacional é sua capacidade de concentrar infraestrutura necessária ao desenvolvimento do processo de reprodução. Infraestrutura e instituições sociais se articulam dentro de um sistema de relações sociais. O lugar integra uma totalidade espacial presidida, sustentada e estruturada de modo desigual e combinada pela reprodução ampliada do capital.

Pode-se pensar o lugar definido a partir dos entrelaçamentos impostos pela reprodução do capital, articulada e determinada pela totalidade espacial; portanto não é uma forma autônoma dotada de vida própria, uma vez que sua reprodução se acha vinculada ao caráter social e histórico da produção do espaço geográfico global (Carlos, 2007). Nesse contexto, pode-se falar que o lugar regula o intercâmbio, o crédito, centraliza o capital assim como a concorrência entre capitalistas pelas condições mais favoráveis de infraestrutura, crédito, mão-de-obra. Além do que o lugar também concentra as condições de reprodução da força de trabalho, da vida cultural dos meios de vigilância, administração e a repressão. “Esses produzem o espaço porque os atores sociais aí se concentram e os capitais aí se centralizam juntamente com o poder” (CARLOS, 2007, p, 29).

Os progressos técnicos e científicos aplicados aos processos produtivos, o desenvolvimento do mercado mundial e das empresas multinacionais, longe de anularem o espaço, permitem sua mundialização, pois os mecanismos espaciais repousam na justaposição entre o local, o regional e o nacional e, nesse sentido, o espaço inteiro torna-se o lugar da reprodução, que se realiza tendo como pano de fundo o mundial que se sinaliza nas tendências pela atenuação das fronteiras nacionais e na constatação de que o local se torna global e o global se localiza no lugar (Carlos, 2007).

Na perspectiva relacional, o lugar revela a especificidade da produção espacial global. Tem um conteúdo social e só pode ser entendido nessa globalidade presidida, sustentada e estruturada pela divisão espacial do trabalho, edificadora de desigualdades socioespaciais. Longe de ser explicado e entendido tendo como ponto de partida a experiência vivida pelo ser no mundo, o lugar deve ser compreendido enquanto um ponto onde o mundo se encontra, o mundo nas suas múltiplas determinações. Deve-se considerar como faz Massey (2000) que é necessária uma visão ampla do sentido relacional de lugar que considere os múltiplos aspectos da realidade (cultura, política, economia etc.), pois não é somente o capital norteia as relações dos lugares e entre lugares, o plano vivido por cada agente social compõe as delimitações sociais de identidades e costumes, em suma as espacialidades de vivências dos lugares sofrem também influências de variantes como, gênero e religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O lugar pode ser uma cama num quarto de uma casa, numa rua de um bairro da cidade de uma área metropolitana de um estado que integra uma região, de um país que está num continente. Nascemos, vivemos e morremos no lugar. O lugar é onde tudo começa e termina. O recém-nascido procura o lugar do seio na mãe, o coveiro deposita o caixão na cova, o lugar onde parte de nossa memória

será contemplada. O lugar está no indivíduo, nos grupos e nas sociedades.

Todo lugar é um ser no mundo, ou mundo no ser, dependendo do que se deseja ressaltar. Na perspectiva humanista o ponto de partida é o ser no mundo, isto é, o lugar é concebido segundo o sentido e significado que o ser lhe atribui. Emerge aqui, provavelmente, uma situação geográfica de escala limitada ao entorno, isto é, aos pontos estruturantes da memória e representações de um lugar. Podemos arriscar enfocar as migrações à luz da experiência das pessoas, concebendo-as como movimentos socioespaciais, pois os migrantes trazem na memória lembranças e histórias dos lugares e tentam reconstruí-las onde chegam, quer na maneira de cozinhar, na dieta alimentar, no vestir, no falar, em suma no modo de vida.

A limitação na escala pode enriquecer a análise à medida em que a perspectiva do lugar enquanto espaço vivido possibilita-nos proferir a crítica aos esquemas pré-construídos tão comuns ao senso comum douto, que insiste em classificar e rotular indivíduos, grupos, sociedades e lugares sem sequer perguntar se há simbiose entre a identidade e a representação. Prática que homogeneiza o que não conhece em contêiner semânticos e conceituais que ambicionam ser mais reais que pessoas de carne e osso. Insistem em promover classificações políticas em analíticas e científicas; olham por exemplo, para o espaço agrário amazônico e classificam como camponeses muitos dos indivíduos, grupos e sociedades que vivem no meio rural. Mas nunca conheci um camponês de carne e osso; tomei café e almocei com moradores das comunidades rurais da Amazônia, nos estados do Pará, Maranhão, Amazonas e Rondônia, em mais de 80 municípios, e em nenhum lugar alguém se reconheceu como camponês.

Por sua vez, a perspectiva relacional concebe o lugar a partir das múltiplas determinações. O lugar manifesta a resultante momentânea de um estágio de reprodução ampliada do capital, movimento que contempla o processo de produção, distribuição e circulação organizados pelos quadrantes do mundo de modo desigual e combinado. Assim, a parte que se manifesta nos lugares, depende dos fundamentos técnicos, políticos e territoriais destes. Aqui o lugar não explica o lugar, nem é reflexo do global. Tampouco o lugar torna-se uma plataforma, receptáculo vazio, da economia espacial. Longe disso, o lugar é uma das variáveis imprescindíveis, pois envolve a área e os habitantes, se quiserem recursos e usos dos recursos. O lugar torna-se palco, produto e condicionantes de disputas em torno dos recursos da água, da terra, da floresta, do solo e subsolo.

Tal perspectiva ajuda-nos a entender a esquizofrenia do espaço em que vivem lugares como Altamira no estado Pará, que teve sua paisagem, configuração territorial e dinâmica sócio-espacial reorganizadas em função de comandos e interesses exógenos ao lugar que insistem na construção do complexo hidroelétrico de Belo Monte; igualmente contribui para elucidar a chegada dos agrocombustíveis nas áreas rurais da Amazônia, que prometem produzir biodiesel a partir do dendê, sem considerar o papel e o impacto das externalidades socioespaciais nos lugares.

O vivido e o relacional constituem duas faces do lugar. O viver é socialmente determinado. Trabalhar, morar, vestir, falar, cozinhar, sonhar, pensar, amar, odiar constituem

tantas manifestações que surgiram quando a espécie humana se torna ser humano, distinguindo-se de seus ancestrais. Dentre as determinações do ser humano, está a dimensão espacial. Lembramos que o espaço contém história natural e história humana, sendo a propriedade emergente do contato entre elas. Daí a importância da perspectiva relacional, ao dizer que os lugares devem ser entendidos a partir das relações. Chegamos no momento em que as ciências sociais foram abertas e a críticas aos conceitos puros e geométricos herdados de uma interpretação da modernidade exigem a construção de um pensar dialógico, capaz de contemplar as dimensões individuais e sociais do ser humano. Eis o desafio, analisar o lugar enquanto condição sócio-espacial de existência.

BETWEEN THE LIVED AND THE RELATIONAL: GEOGRAPHICAL INTERPRETATIONS OF THE PLACE

ABSTRACT

We focus on two interpretations of the subject of place: place as lived space and place as a relational perspective. These paradigms, even if they have different philosophical foundations, reaffirm the analytical importance of place. We intend to highlight the need to return to the concept of place as a multi-dimensional human experience. To live is to relate to one's self and to fellow human beings and objects, thus the complimentary nature between the humanist perspective and the relational place. We first explore how place relates to lived space, secondly how it relates to the relational perspective, followed by final considerations.

Keywords: Space; Place; Global; Experience; Relational.

ENTRE EL VIVIDO Y EL RELACIONAL: INTERPRETACIONES GEOGRÁFICAS DEL LUGAR

RESUMEN

Centramos en dos interpretaciones de la categoría de lugar: como espacio vivido y la perspectiva relacional. Estos paradigmas, aunque tienen diferentes fundamentos filosóficos, reafirman la importancia analítica de esta categoría. Nuestro objetivo es destacar la necesidad de regresar al lugar como la escala privilegiada de la experiencia humana en sus múltiples determinaciones. Vivir es relacionarse con hombres y cosas, por lo que la complementariedad entre la perspectiva humanista y relacional de lugar. En la primera parte se exponen en el lugar como espacio vivido, en la segunda la perspectiva relacional; y, por último, las consideraciones finales.

Palabras clave: Espacio; Lugar; Global; Experiencia; Relacional.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Berthand do Brasil. 1989.
- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. pp. 165-194.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. FFLCH: São Paulo, 2007. Acessado em: 06/01/2015. Disponível em: http://www.gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf . Acessado: 20/01/2015
- CORRÊA, Roberto L. Dimensões de análise das redes geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 107-118.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo Contemporâneo. In: **Território**. Rio de Janeiro, ano V, n. 09, p. 65-83, Jul./dez. 2000. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf .Acessado em 20/01/2015.
- GIDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. UNESP: São Paulo, 1991.
- _____. **Modernidade e Identidade**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 1993.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro/UFRJ, Ano II, n.º 3, p. 77-85, jul./dez. 1997. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf. Acessado em 20/01/2015.
- _____. O lugar na Geografia Humanística. In: **Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf . Acessado em 20/01/2015
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. In: **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 21, p. 09-20, 1998. Acessado em 04/05/2012. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf .Acessado em 20/01/2015.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global de Lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). **Espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2003. pp. 176-18).
- _____. Filosofia e Política da espacialidade: algumas considerações. In: **GEOgrafia**. Rio de Janeiro, Ano 06, nº 12, p. 07-23, 2004. Disponível em: <http://www.>

uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/151/146 .Acessado em 20/01/2015.

_____. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Bertrand Brasil, 2008.

MELO, João Baptista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro. IBGE. BGE, 52 (4)91-115, 1990.

OLIVEIRA, L. Percepção representação do espaço geográfico. In RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Stúdio Nobel, 1996. (p. 187-212).

RELPH, E. C. As bases Fenomenológicas da Geografia. In: **Geografia,** São Paulo/ AGETEO v. 4, nº 7, 1979. pp-1-25

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia semiótica e Geografia da Percepção. Alternativas para analisar o espaço geográfico. In: **Revista da Casa de Geografia de Sobral/Sobral,** v. 04. nº 5, p. 67-79, 2003. Disponível em: <http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/79> .Acessado em 20/01/2015.

SANTOS, Clélio. Geografia e Fenomenologia: Algumas aproximações a partir da Geografia Humanista e da Geografia das Representações. In: **DIÁLOGOS,** Pernambuco, nº 5, p. 72-83, 2011. Disponível em: http://www.orfeuspam.com.br/Periodicos_JL/Dialogos/Dialogos_5/Clelio_Santos.pdf. Acessado em 20/10/2015.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008a.

_____. **Por uma outra Globalização:** do pensamento único à consciência universal. 16ª Ed. São Paulo: Record, 2008b.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Edusp. 2008.

_____. **Espaço e método.** 3 ed. São Paulo: Nobel. 1992.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: **Sartre.** Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1989.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora da Unesp. 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.